

# INVENTÁRIO E CONSERVAÇÃO DO JARDIM DE BURLE MARX NA SUDENE

*Ana Rita Sá Carneiro*

Coordenadora do Laboratório da Paisagem do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco. Professora da graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE. Membro do International Scientific Committee on Historic Gardens and Sites - ICOMOS/IFLA. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 1C  
[anaritacarneiro@hotmail.com](mailto:anaritacarneiro@hotmail.com)

*Joelmir Marques da Silva*

Biólogo, Doutor e Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador do Laboratório da Paisagem da UFPE e da Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco. Membro do International Council of Monuments and Sites - ICOMOS-Brasil  
[joelmir\\_marques@hotmail.com](mailto:joelmir_marques@hotmail.com)

*Maria Eduarda Dantas de Oliveira Rolim*

Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora do Laboratório da Paisagem do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco.  
[eduarda.dantas0194@gmail.com](mailto:eduarda.dantas0194@gmail.com)

**RESUMO:** O inventário dos jardins de Roberto Burle Marx no Recife vem sendo desenvolvido pelo Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) desde 2006. Teve início nos jardins públicos e atualmente prossegue nos jardins privados, ampliando para o estado de Pernambuco, Brasil. O motivo principal é a conservação dos jardins modernos de Burle Marx como monumentos vivos de acordo com a Carta de Florença de 1981. A primeira etapa abrangeu seis jardins públicos que foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em 2015 e a segunda etapa, mais nove jardins. No âmbito dos jardins privados estão aqueles que pertencem a edifícios institucionais, exemplos de arquitetura moderna. Diante de problemas observados na manutenção desses tipos de jardins, este artigo apresenta os resultados do inventário do jardim da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene, um conjunto moderno de edifício e jardim, implantado em 1972 que reúne atributos para ser protegido como patrimônio arquitetônico moderno de Pernambuco.

**Palavras-chaves:** Jardim moderno. Patrimônio. Recife.

## INVENTORY AND CONSERVATION TO BURLE MARX GARDEN IN SUDENE

**ABSTRACT:** The inventory of Roberto Burle Marx's gardens in Recife has been developed since 2006 by the Laboratory of Landscape of the Federal University of Pernambuco (UFPE). It has begun with information on public gardens and now it is focusing on private gardens concerning the state of Pernambuco, Brazil. Its main aim is Burle Marx's modern gardens conservation as live monuments according Florence Charter from 1981. The first step selected six public gardens already protected by the National Institute of the Historical and Artistic Heritage in 2015. Concerning the protection of the private gardens, there are some which belonging to modern architectural group. Considering some problems of lack of conservation, this paper presents the results of the garden inventory of the Northeast Developing Superintendence – Sudene, a modern architectural structure of building and garden designed in 1972. It has a group of attributes to be preserved as an example of modern architecture heritage in Pernambuco.

**Keyword:** Modern garden. Heritage. Recife.

### Introdução

Diante da necessidade de aprofundar estudos na área de conservação de jardins, o arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral propôs ao comitê da *International Federation of Landscape Architects* (IFLA), em 1967, a criação da seção *jardins históricos* sob a coordenação do arquiteto paisagista René Pechère. A intenção voltava-se para o desenvolvimento do inventário de jardins de interesse histórico em diferentes lugares no mundo, configurando a primeira ação oficial de inventário de jardins (IFLA, 1967). De forma oficial, a Carta de Atenas (1931) já especificava que para a conservação dos monumentos seria necessário “(...) um inventário dos monumentos históricos nacionais, acompanhado de fotografias e de informações” (in CURY, 2000, p. 17).

Conforme registros do *Procès-verbal de la réunion du Bureau* de 1969 da IFLA (Bruxelas), neste primeiro inventário de jardins históricos René Pechère objetivou: (i) analisar quais jardins poderiam ser restaurados e eventualmente interessar à UNESCO de forma a assegurar sua proteção efetiva; (ii) ver em cada país os jardins mais valiosos que deveriam ser abertos ao público de forma a garantir sua promoção cultural; (iii) compilar conhecimentos

completos das regras de conservação e/ou restauração de jardins históricos; e (iv) emitir um conjunto de regras para orientar os conservadores e evitar os erros cometidos, até então, não só pelos arquitetos, mas também pelos arquitetos paisagistas.

Um jardim de interesse histórico é aquele que apresenta aspectos da história da arte das paisagens e dos jardins de um determinado local ou cidade com ênfase nas espécies botânicas e que podem ser exemplos do trabalho de um paisagista em particular que valorize um estilo de projetar (SÁ CARNEIRO, 2012). Nessa condição, o jardim histórico está compreendido em uma das três categorias de paisagem cultural firmadas pela *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention* de 2015 da Unesco. Essa categoria trata das paisagens projetadas e criadas intencionalmente pelo homem que são jardins e parques construídos por razões estéticas (SÁ CARNEIRO, SILVA e CASTEL-BRANCO, 2016).

Contudo, só em 1981, com a publicação da Carta de Florença, é que o inventário de jardins, considerados históricos, passou a ser recomendado: “a salvaguarda dos jardins históricos exige que os mesmos sejam identificados e inventariados” (In CURY, 2001, p. 254).

O inventário é um registro básico sobre os componentes dos sítios culturais e de seus condicionantes no propósito de auxiliar, nos âmbitos local e nacional, a conservação de seus atributos, e se configura como uma fonte de informação primária para identificar parques e jardins de interesse histórico, artístico, arquitetônico, botânico e ecológico. E, como um instrumento pedagógico de investigação, que se aproxima de uma arqueologia do jardim, possibilita o entendimento profundo das diversas camadas de formação que compõem o sítio (ALCÁNTARA ONOFRE, 2001). Assim, de acordo com o arquiteto Antonio Tejedor Cabrera, o inventário se “convierte en un poderoso elemento de gestión, imprescindible para establecer una racionalización de las acciones de tutela (de conservación-restauración, de puesta en valor, de difusión) que se han de iniciar con la protección jurídica de los bienes más relevantes” (1999, p. 166).

Para a arquiteta paisagista Luísa Estadão os objetivos do inventário são: (i) “devolver à sociedade estas paisagens eruditas e vernaculares, de modo que sirvam de base à compreensão de questões relacionadas com o patrimônio natural e cultural”; (ii) “incentivar novas utilizações destas paisagens, valorizando-as, mantendo as estruturas e dinâmicas destes ecossistemas e dando especial destaque à arte, no estrito respeito pelo seu caráter histórico” e (iii) “contribuir para uma

maior divulgação e promover o interesse nos jardins históricos através de técnicas de interpretação inovadoras e eficazes” (ESTADÃO, 2006, p. 4).

A identificação dos atributos patrimoniais, por meio do inventário, possibilitará o reconhecimento dos valores do jardim: o *valor histórico* a partir do estado original do sítio e dos fatos associados à história do lugar; o *valor artístico* a partir dos princípios de concepção como forma, cor, tempo; o *valor ecológico* considerando a relação Natureza e cultura; o *valor botânico* no que diz respeito à vegetação histórica ou as que foram introduzidas, mas que possuem características plásticas com as do projeto original e o *valor social* referindo-se ao nível de apropriação por parte dos usuários incluindo sua representação na história do bairro e na legislação urbanística local (SÁ CARNEIRO, MEDEIROS e COSTA, 2007 e SILVA, 2012).

Do conjunto de 34 jardins privados projetados por Roberto Burle Marx no Recife [*institucionais e residenciais*] muitos deles foram em parceria com arquitetos modernistas de repercussão no Brasil, a exemplo de Acácio Gil Borsoi e Vital Pessoa de Melo. Dentre estes jardins, oito já foram inventariados, e se destacam a Praça Burle Marx que fica na Oficina Francisco Brennand e o jardim da residência de Cornélio Brennand, ambos situados no bairro da Várzea, pelo bom estado de conservação favorecendo a permanência da autenticidade e integridade do jardim.

O jardim da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), como um jardim moderno, é uma estrutura complexa que agrega conhecimento de história, botânica, música, escultura e pintura relacionando os volumes dos edifícios com destaque para as duas longas torres de 13 pavimentos ao lado dos maciços vegetados que compõem com as fachadas e os estacionamentos. Contém uma variedade admirável de espécies vegetais que surpreende pela expressão de textura, cores e volumetria, distribuída em diferentes níveis e agregando superfícies d'água. O nível de complexidade projetual do jardim exige conhecimentos específicos para garantir sua conservação.

## 1. O inventário dos Jardins de Burle Marx

A necessidade de um inventário para os jardins históricos da cidade do Recife foi sentida em 2003, no momento do projeto de restauração da Praça Euclides da Cunha de 1935, obra de

Roberto Burle Marx e que foi realizado pela equipe do Laboratório da Paisagem da UFPE. As pesquisas para a restauração contemplaram estudos sobre a *história do jardim* e do seu *entorno*, da *botânica* - desde o projeto original até aquele momento, bem como das *intervenções físicas* ocorridas; fornecendo, assim, um cenário do que consistiria o primeiro inventário dos jardins do paisagista Roberto Burle Marx no Brasil então realizado pela equipe do Laboratório da Paisagem da UFPE.

Alguns anos depois sucederam os projetos de restauração da Praça Faria Neves, em 2006, e da Praça do Derby, em 2008, quando, aos poucos, os órgãos municipais, responsáveis pela manutenção dos espaços livres públicos, foram percebendo que os jardins de Burle Marx se destacam na paisagem recifense. Coube ao Laboratório da Paisagem da UFPE repassar as informações e mostrar a necessidade de um conhecimento mais sistematizado dos componentes desses jardins - vegetação, mobiliário, edificações, superfícies aquáticas, materiais de revestimento - que mereciam uma atenção especial visando sua conservação (SÁ CARNEIRO, 2012).

As informações levantadas sobre os jardins históricos que irão compor o inventário devem ser organizadas em uma ficha bastante elucidativa e concisa. A elaboração da ficha dos jardins de Burle Marx requereu a análise de inventários de outros países como: (i) o *Inventario de Espacios Verdes de Buenos Aires: bases conceptuales y ficha modelo*, organizado pela historiadora da arte Sonia Berjman em 1997, que assinala a necessidade da lei de proteção para os diferentes tipos de jardins históricos e (ii) a *Propuesta de Inventário y Catalogo de Paisajes Culturales y Jardines históricos en México*, organizado pelo arquiteto Saul Alcântara Onofre em 2004. Este último apresenta uma base conceitual sobre jardins e paisagens históricas, as características das paisagens, a classificação dos valores a serem identificados, além da ficha modelo para jardim.

No caso dos jardins de Burle Marx, a ficha está constituída por quatro aspectos gerais: (i) identificação, em que contém a localização, variações de nomes ao longo do tempo e intervenções ocorridas; (ii) aspectos históricos, que reúne dados relevantes da história e evolução do jardim; (iii) aspectos da paisagem atual, incluindo estudos da arquitetura das edificações, do mobiliário, do botânico e do entorno e (iv) avaliação da paisagem futura, tratando de uma pré-avaliação diante de projetos propostos com vistas à conservação.

Para a elaboração da ficha do inventário foram realizadas as seguintes ações: *(i)* pesquisa histórico-documental: levantamento de fontes iconográficas e escritas, principalmente plantas, gravuras e fotografias, mapas da Cidade do Recife, desenhos de Burle Marx, álbuns iconográficos e outros registros históricos; *(ii)* levantamento florístico; *(iii)* reconhecimento dos componentes físicos atuais do jardim (traçado, mobiliário, elementos aquáticos, equipamentos, construções, infraestrutura); *(iv)* verificação da presença desses componentes nos projetos de diferentes períodos e, especialmente, no projeto de Burle Marx e *(v)* comparação entre a composição da vegetação atual e a vegetação na concepção de Burle Marx a partir do projeto original, desenhos e/ou relatos do paisagista, mas também de projetos de sua autoria da mesma época, referentes à outros jardins do Recife.

O primeiro inventário dos jardins de Burle Marx refere-se aos de caráter público, considerados mais representativos na cidade do Recife e, que por esse motivo, tiveram intervenções de restauração, são eles: Praça de Casa Forte (1935), Praça Euclides da Cunha (1935), conjunto Praça da República e Jardim do Palácio do Campo das Princesas (1936), Praça do Derby (1936), Praça Ministro Salgado Filho (1957) e Praça Faria Neves (1958). Este inventário se converteu no principal instrumento para a solicitação do tombamento destes jardins como Patrimônio Cultural Nacional junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2008, sendo o tombamento efetivado em 2015 e incluídos no livro de Tombo das Belas Artes, Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 13/06/2017. O segundo inventário abrange mais nove jardins públicos: Praça Artur Oscar (1936), Praça do Entroncamento (1936), Largo da Paz (1936), Largo das Cinco Pontas (1936/1937), Praça Maciel Pinheiro (1936), Praça Pinto Damaso (1936/1937), Praça Chora Menino (1936), Praça Dezessete (1937) e Jardim da Capela da Jaqueira (1951).

Os dois inventários constituíram as bases para a construção do Memorial Técnico-justificativo para a classificação de 15 jardins de Burle Marx como jardins históricos pela Prefeitura da Cidade do Recife, conforme a Lei nº 18.014/2014.

## 2. Um jardim envolvente

Com suas instalações no bairro do Engenho do Meio, a sede da Sudene foi pensada durante o apogeu da ditadura militar de 1964, fortalecendo a imagem de desenvolvimento do regime vigente. Mais do que congregar os diversos departamentos, representava o sonho de progresso e integração da região. Não ia apenas embelezar o Recife, mas também serviria de contribuição ao progresso dessa cidade, como bem frisou o general Evandro de Sousa Lima, então superintendente da Sudene, em entrevista ao Diário de Pernambuco dois anos antes da inauguração (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1972).

A estrutura do conjunto que reuniria oito edificações, com destaque para o edifício-sede, foi idealizada em 1967 por uma equipe técnica inicialmente coordenada pelo arquiteto Glauco Campello. O projeto definitivo foi desenvolvido pelos arquitetos Maurício do Passo Castro, Paulo Roberto de Barros e Silva, Pierre Reithler e Ricardo Couceiro em 1968 e inaugurado no dia 28 de fevereiro de 1974 com 68.000m<sup>2</sup> “faltando ainda construir mais 4.000m<sup>2</sup> (...) o restaurante, o serviço médico, casa de hóspedes, unidade dos geradores de reserva, quando, então, a área total acabada será de 72.000m<sup>2</sup>” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1974, p.3).

A monumentalidade do conjunto moderno estava expressa na escala física, assim como na escala política a nível nacional pelo simbolismo institucional que representava naquele momento. Conforme os engenheiros João Batista de Oliveira e Francisco Batista de Oliveira, responsáveis pelas obras, “o edifício-sede da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste representa a maior área construída nesta região do Brasil” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1974, p.13), com 13 pavimentos distribuídos de forma de lâmina serpenteada no eixo norte-sul, com vista panorâmica e 274 metros de comprimento por 10 metros de largura. “O projeto de características globais nordestinas: todas as fachadas são em concreto aparente (ausência quase total de alvenaria) (...) o custo médio da obra, incluindo mobiliário, vias de acesso e jardins (projetados por Burle Marx) é da ordem de Cr\$ 1.400 por metro quadrado” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1974, p. 3) (Figura 1).



**Figura 1: Edifício-sede da Sudene. Destaque para a evolução do jardim projetado por Burle Marx. Década de 1970.**

**Fonte: Alcir Lacerda (Acervo da Família).**

A grandiosa massa construída - o edifício-sede - descansa sob os maciços pilares permitindo a livre circulação no vão resultante e para as duas fachadas, a oeste e a leste, que desembocam nas vias de circulação. A fachada oeste contém elementos pré-fabricados em concreto, o *cobogó*, especialmente desenhado para o edifício e que permite a ventilação natural dos espaços interiores, bem protegidos da forte insolação, além de formar belíssimos desenhos no jogo de luz e sombra, enquanto que a fachada leste é composta de janelas protegidas por *brises* em concreto (DE OLIVEIRA, 2008) (Figura 2).

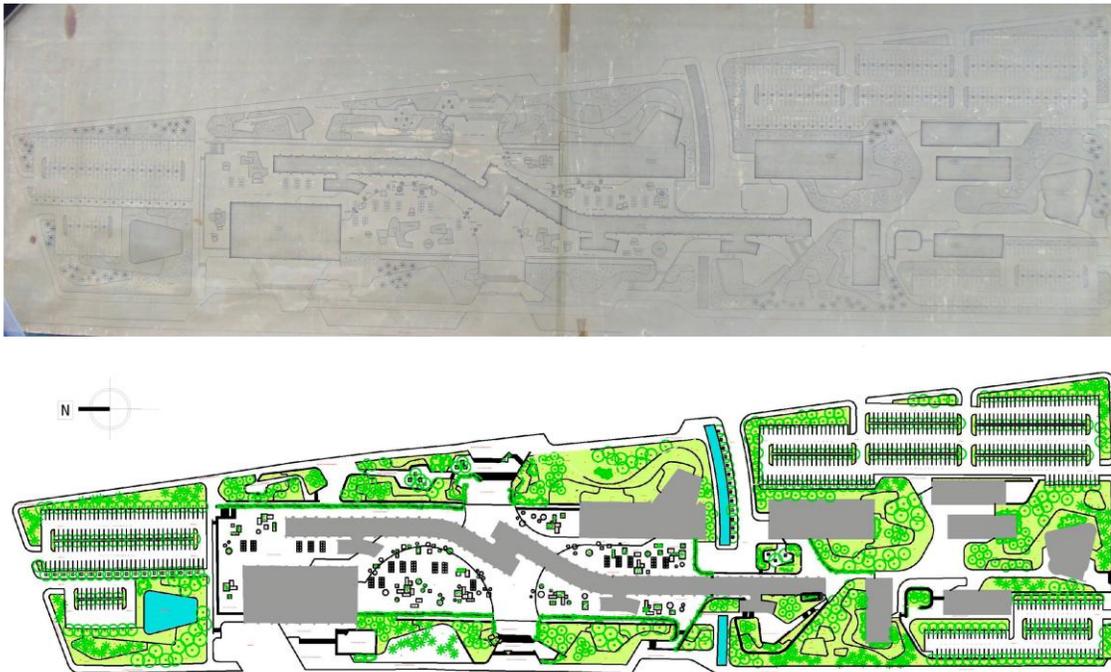


**Figura 2: Vista das fachadas oeste e leste do edifício-sede, 2016.**

**Fonte: Acervo do Laboratório da Paisagem da UFPE.**

O jardim projetado por Roberto Burle Marx, em 1972, ao lado dos arquitetos associados Haruyoshi Ono e José Tabacow, possuía 7,6 hectares e envolvia e penetrava as oito edificações em uma perfeita inter-relação entre o jardim e o edifício (Figuras 3). Neste mesmo ano, Burle

Marx realizou o projeto para o Campus da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, que fica logo ao lado da Sudene e que não foi executado, e o jardim da Residência João Pereira Borges.



**Figura 3: Planta original do projeto paisagístico da Sudene de 1972 (acima) e digitalização.**

**Fonte: Acervo do Laboratório da Paisagem.**

**Digitalização: Maria Eduarda Dantas de Oliveira Rolim e Liliane Caroline Pedrosa Barros.**

Com seu traço artístico, Burle Marx projetou o jardim fazendo uso de 78 espécies vegetais (Tabela 1) e diferentes tipos de pisos, destacando o mosaico português branco que emoldura o jardim e os passeios internos, assim como o *pisofort* negro nas escadarias e no andar do *pilotis*. A paleta vegetal é representada por uma expressiva diversidade florística de ampla distribuição geográfica e caracteriza as principais macropaisagens brasileiras: Mata Atlântica, Amazônia, Cerrado, Pampas, Pantanal e Caatinga, além de espécies exóticas, a maioria delas usadas pelo paisagista em projetos para a cidade do Recife nas décadas de 1930 e 1950. Distribuídas em quatro estratos compositivos [*arbóreo*, *arbustivo*, *herbáceo* e *palmeira*], as espécies contemplam os patamares adequando-se aos desníveis do terreno, além de proporcionar uma harmoniosa integração com a edificação, tanto na área interna quanto na externa ao prédio.

A vegetação, o espelho d'água, o traçado geométrico, os bancos e os pavimentos dão ao jardim uma estrutura visual de ritmos e cores.

**Tabela 1: Paleta vegetal especificada por Burle Marx para o projeto paisagístico da Sudene, 1972**

Nº.	Nome científico	Nome popular	Família	Domínio fitogeográfico
1	<i>Parkia pendula</i>	Visgueiro	Fabaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
2	<i>Lagerstroemia flos-reginae*</i>	Rosedá	Lythraceae	Exótica
3	<i>Pseudobombax ellipticum*</i>	Paineira	Malvaceae	Mata Atlântica
4	<i>Couroupita guianensis*</i>	Abriçó-de-macaco	Lecythidaceae	Amazônia
5	<i>Tabebuia impetiginosa*</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
6	<i>Acacia seyal</i>	Acácia	Fabaceae	Exótica
7	<i>Plumeria alba*</i>	Pluméria	Apocynaceae	Exótica
8	<i>Plumeria rubra</i>	Jasmin-manga	Apocynaceae	Exótica
9	<i>Plumeria tricolor</i>	Jasmin-manga	Apocynaceae	Exótica
10	<i>Clusia grandiflora*</i>	Jasmin-manga	Clusiaceae	Amazônia
11	<i>Cassia grandis*</i>	Cassia Grande	Fabaceae	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
12	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	Ipê-Amarelo-cascudo	Bignoniaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
13	<i>Couepia rufa</i>	Goiti-verdadeiro	Chrysobalanaceae	Mata Atlântica
14	<i>Acrocomia intumescens*</i>	Macaíba	Arecaceae	Mata Atlântica
15	<i>Euterpe oleracea</i>	Açaí	Arecaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
16	<i>Attalea sp.*</i>	Ataleia	Arecaceae	-
17	<i>Licania tomentosa*</i>	Oiti	Chrysobalanaceae	Mata Atlântica
18	<i>Clitoria fairchildiana*</i>	Sombreiro	Fabaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
19	<i>Brunfelsia grandiflora</i>	Jeratacaca	Solanaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
20	<i>Calliandra haematocephala</i>	Pincel-de-barbeiro	Fabaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
21	<i>Jatropha podagrica</i>	Pinhão-bravo	Euphorbiaceae	Exótica
22	<i>Allamanda nobilis*</i>	Brinco-de-princesa	Apocynaceae	Amazônia

23	<i>Allamanda violacea</i>	Alamanda-rosa	Apocynaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
24	<i>Euphorbia lophogona</i>	Jasmim	Euphorbiaceae	Exótica
25	<i>Clusia</i> sp.	Clusia	Clusiaceae	-
26	<i>Cassia bicapsularis</i>	Canudo-de-pito	Fabaceae	Exótica
27	<i>Heliconia psittacorum</i>	Paquevira	Heliconiaceae	Amazonas, Caatinga, Cerrado, Bosque Atlântico, Pantanal
28	<i>Eugenia michelii</i>	Pitangueira	Myrtaceae	Cerrado, Bosque Atlântico, Pampa
29	<i>Portulaca grandiflora</i>	Onze-horas	Portulacaceae	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
30	<i>Vinca major</i> var. <i>variegata</i>	Vinca-major	Apocynaceae	Exótica
31	<i>Vinca rosea</i>	Boa-noite	Apocynaceae	Exótica
32	<i>Crinum asiaticum</i> *	Açucena-d'água	Amaryllidaceae	Exótica
33	<i>Clusia fluminensis</i>	Clusia	Clusiaceae	Mata Atlântica
34	<i>Codiaeum variegatum</i>	Crótom comum	Euphorbiaceae	Exótica
35	<i>Calliandra tweedii</i>	Caliandra	Fabaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
36	<i>Setcreasea purpurea</i> *	Trapoeiraba	Commelinaceae	Exótica
37	<i>Wedelia paludosa</i> *	Arnica-do-mato	Asteraceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
38	<i>Euphorbia splendens</i> *	Coroa-de-cristo	Euphorbiaceae	Exótica
39	<i>Sansevieria zeylanica</i>	Espada-de-São Jorge	Asparagaceae	Exótica
40	<i>Hemigraphis colorata</i>	Hemigraphis	Acanthaceae	Exótica
41	<i>Dracaena marginata</i> *	Dracena	Asparagaceae	Exótica
42	<i>Dracaena fragrans</i> *	Dracena-de-vênus	Asparagaceae	Exótica
43	<i>Coccoloba uvifera</i>	Uva-da-praia	Polygonaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
44	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> *	Guaimbê	Araceae	Cerrado, Mata Atlântica
45	<i>Philodendron mello-barretoanum</i>	Banana-de-macaco	Araceae	Cerrado
46	<i>Plumbago capensis</i>	Bela-emília	Plumbaginaceae	Exótica
47	<i>Zebrina pendula</i>	Lambari	Commelinaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
48	<i>Yucca aloifolia</i> *	Iuca-brava	Asparagaceae	Exótica
49	<i>Paspalum notatum</i> *	Grama	Poaceae	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
50	<i>Lantana camara</i> var.	Lantana	Verbenaceae	Amazônia, Caatinga,

	<i>flava</i>			Cerrado, Mata Atlântica
51	<i>Lantana camara</i>	Lantana	Verbenaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
52	<i>Salvia splendens</i>	Sálvia	Lamiaceae	Mata Atlântica
53	<i>Lagerstroemia indica</i>	Resedá	Lythraceae	Exótica
54	<i>Polyscias guilfoylei*</i>	Árvore-da-felicidade	Araliaceae	Exótica
55	<i>Zoysia matrella</i>	Grama-japonesa	Poaceae	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
56	<i>Kalanchoe gastonis-bonnieri</i>	Jaracim	Crassulaceae	Exótica
57	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i>	Calandiva	Crassulaceae	Exótica
58	<i>Asystasia coromandeliana</i>	Asistásia	Acanthaceae	Exótica
59	<i>Ixora coccinea</i>	Ixora	Rubiaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
60	<i>Alocasia metallica</i>	Alocasia	Araceae	Exótica
61	<i>Crinum × amabile</i>	Lirio	Amaryllidaceae	Exótica
62	<i>Clerodendrum fallax</i>	Flor-de-pagode	Lamiaceae	Exótica
63	<i>Ceiba erianthos*</i>	Paineira-da-escarpa	Malvaceae	Mata Atlântica
64	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	Hibisco	Malvaceae	Exótica
65	<i>Xanthosoma violaceum</i>	Taioba	Araceae	Exótica
66	<i>Alocasia macrorrhizos</i>	Inhameaçu	Araceae	Exótica
67	<i>Aphelandra sinclairiana</i>	Afelandra-rosa	Acanthaceae	Exótica
68	<i>Eranthemum nervosum</i>	Camarão-azul	Acanthaceae	Exótica
69	<i>Sanchezia nobilis</i>	Sanquésia	Acanthaceae	Exótica
70	<i>Monstera deliciosa</i>	Costela-de-adão	Araceae	Exótica
71	<i>Schefflera actinophylla</i>	Árvore-polvo	Araliaceae	Mata Atlântica
72	<i>Dieffenbachia picta</i>	Comigo-ninguém-pode	Araceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
73	<i>Beloperone guttata</i>	Camarão-vermelho	Acanthaceae	Exótica
74	<i>Philodendron gloriosum</i>	Imbé	Araceae	Exótica
75	<i>Episcia cupreata</i>	Laço-de-amor	Gesneriaceae	Exótica
76	<i>Fittonia argyroneura</i>	Planta-mosaico	Acanthaceae	Exótica
77	<i>Zebrina purpusii</i>	Trapoeraba	Commelinaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
78	<i>Solanum violaefolium</i>	Solano-violeta	Solanaceae	Exótico

(\*) Espécies presente no jardim em 2016, momento do inventário

Tomando partido da distribuição das edificações que dividem o terreno em duas porções, na direção oeste e leste, Burle Marx adotou composições paisagísticas distintas para cada uma delas. Para a parte oeste que tangencia a Br-101, o paisagista intensifica o desenho em que as formas se superpõem e se complementam em um jogo plástico desdobrando os limites do jardim com a introdução de jardineiras que vão desde as escadarias da entrada principal até o terraço, criando um ritmo com o conjunto arquitetônico, abrigando vegetação herbácea com flores de cores marcantes, dando imponência à entrada principal, enquanto que na parte leste, cuja via de circulação é mais tranquila, cria um bosque que garante um ambiente bucólico e de descanso com bancos de concretos que definem espaços compondo com a vegetação e com os caminhos sinuosos e regulares em mosaico de pedra portuguesa branca (Figura 4).



**Figura 4: Jardim da Sudene com destaque para as escadarias, jardineiras e banco.**  
Fonte: Acervo do Laboratório da Paisagem da UFPE.

Alternando volume e cores da vegetação como parte de seus princípios projetuais, Burle Marx procurou proporcionar uma experiência de jardim a partir da Natureza utilizando a vegetação conforme critérios de associação, ou seja, a fitoassociação. Para o paisagista o jardim moderno é “natureza organizada, subordinada a leis arquitetônicas (...) é um complexo de intenções estéticas e plásticas” (MARX, 1935, p.12 e MARX in CORREIO DA MANHÃ, 1962, p. 2). Observa-se também na planta baixa do projeto original a composição de ambientes harmônicos de forma a acentuar as características da vegetação. Segundo o paisagista este princípio projetual favorece a obtenção da beleza “pela repetição da mesma espécie, formando

massas homogêneas. Às vezes o elemento floral se valoriza mais, ao ser percebido com todos os detalhes de sua estrutura (MARX, 1987, p. 52).

A permeabilidade do edifício no piso do *pilotis* permite uma maior comunicação entre as partes opostas do jardim, visadas mais amplas do entorno e uma inter-relação entre os elementos compositivos do edifício-sede com a vegetação. As reentrâncias e saliências da edificação realizam fascinantes enquadramentos da vegetação e aguçam a curiosidade do observador, a exemplo de indivíduos de palmeiras alinhados à marquise, em respeito mútuo, assim como os painéis de concreto e de cerâmica de Francisco Brennand, presentes no piso e nas paredes que se unem com a coloração das folhas e das flores. Neste nível, as copas das árvores, com as mais variadas cores das florações e de frutos, ficam no mesmo plano do observador, como uma espécie de painel (Figura 5).



**Figura 5: Jardim da Sudene, vegetação e arquitetura em diálogo.**

**Fonte: Acervo do Laboratório da Paisagem da UFPE.**

Nas quatro áreas de estacionamentos, Burle Marx cria uma cortina com indivíduos arbóreos e palmeiras com forração de espécies herbáceas que propiciam um microclima agradável para o conforto dos visitantes já que para essas áreas o asfalto foi o revestimento escolhido. Em um dos estacionamentos encontra-se um espelho d'água de forma trapezoidal com traçado convergindo para o painel de concreto, guiando o olhar do observador para a contemplação do conjunto *jardim-edifício* (Figura 6).



**Figura 6: Estacionamento, vegetação, espelho d'água e painel no jardim da Sudene.  
Fonte: Acervo do Laboratório da Paisagem da UFPE.**

Do alto do edifício-sede se pode contemplar o jogo de formas geométricas do desenho do jardim, dando a impressão de um quadro/moldura em que se sobressaem as texturas e as cores e nota-se a consonância contínua entre o desenho do jardim e a distribuição dos blocos construídos configurando uma unidade compositiva. Essa compreensão caracteriza, segundo o crítico de arte Clarival do Prado Valadares, a terceira etapa na produção paisagística de Burle Marx que é a abstração geométrica. Nessa etapa “os componentes vegetais e minerais são materiais de composição. A vegetação, pedra, grama e a água são somente meros componentes de um objeto plástico superior (...) os elementos são empregados para tratar uma superfície como em uma pintura ou para definir uma forma como um desenho” (VALADARES, 1959, p.5).

Com o passar do tempo, o descaso em relação à conservação do projeto original por parte da administração, desencadeou certa descaracterização do jardim. O projeto paisagístico foi encontrado em 2013, pela equipe do Laboratório da Paisagem da UFPE, nos arquivos da Sudene, então ignorado pela empresa responsável pela manutenção do jardim. Vale salientar que até esse momento a diretoria geral desconhecia sua existência.

O traçado foi modificado assim como o revestimento de pisos, em grande parte do jardim. Os bancos dispostos encontram-se danificados e sem a vegetação herbácea que os moldurava e as áreas dos estacionamentos foram ampliadas o que acarretou o manejo de grande parte da vegetação arbórea e plantio de outras sem respeitar o projeto original, repercutindo na alteração da ideia do paisagista.

A vegetação, principalmente as herbáceas e arbustivas, pelo seu ciclo de vida curto, foi o elemento que mais sofreu modificação pela introdução de espécies desassociadas do projeto original. Hoje, estão presentes no jardim 57 espécies (Tabela 2), das quais somente 23 (40,36%)

referem-se a espécies indicadas por Burle Marx. No que se refere à perda de vegetação do projeto original temos um total de 55 espécies correspondendo a 70,51% do total. Mesmo com a descaracterização, os elementos que ainda permanecem no jardim, principalmente os construídos, nos remetem à ideia projetual de Burle Marx.

**Tabela 2: Inventário da vegetação do jardim da Sudene, 2016**

Nome científico	Nome popular	Família	Domínio fitogeográfico
<i>Acrocomia intumescens</i>	Macaíba	Arecaceae	Mata Atlântica
<i>Adansonia digitata</i> *	Baobá	Malvaceae	Exótica
<i>Adenanthera pavonina</i> *	Olho-de-pombo	Fabaceae	Exótica
<i>Agave americana</i> *	Agave	Asparagaceae	Exótica
<i>Agave angustifolia</i> *	Agave	Asparagaceae	Exótica
<i>Albizia lebbekii</i> *	Faveleira	Fabaceae	Exótica
<i>Albizia saman</i> *	Pincel-de-barbeiro	Fabaceae	Exótica
<i>Allamanda nobilis</i>	Brinco-de-princesa	Apocynaceae	Amazônia
<i>Attalea</i> sp.	Ataleia	Arecaceae	-
<i>Bauhinia variegata</i> *	Pata-de-vaca	Fabaceae	Exótica
<i>Blechnum brasiliensis</i> *	Avenca	Polypodiaceae	Exótica
<i>Caesalpinia echinata</i> *	Pau-brasil	Fabaceae	Mata Atlântica
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> *	Flamboyanzinho	Fabaceae	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica
<i>Caryota mitis</i> *	Palmeira-rabo-de-peixe	Arecaceae	Exótica
<i>Cassia grandis</i>	Cassia-grande	Fabaceae	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
<i>Casuarina equisetifolia</i> *	Casuarina	Casuarinaceae	Exótica
<i>Cecropia palmata</i> *	Imbaúba	Urticaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado
<i>Ceiba erianthos</i>	Paineira-da-escarpa	Malvaceae	Mata Atlântica
<i>Clitoria fairchildiana</i>	Sombreiro	Fabaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
<i>Clusia grandiflora</i>	Jasmin-manga	Clusiaceae	Amazônia
<i>Couropita guianensis</i>	Abricó-de-macaco	Lecythidaceae	Amazônia
<i>Crinum asiaticum</i>	Açucena d'água	Amaryllidaceae	Exótica
<i>Cycas circinalis</i> *	Cyca	Cycadaceae	Exótica
<i>Dracaena fragrans</i>	Dracena-de-vênus	Asparagaceae	Exótica
<i>Dracaena marginata</i>	Dracena	Asparagaceae	Exótica
<i>Dypsis lutescens</i> *	Palmeira-areca	Arecaceae	Exótica
<i>Erythrina variegata</i> *	Brasileirinho	Fabaceae	Exótica
<i>Etlingera elatior</i> *	Bastão-do-imperador	Zingiberaceae	Exótica
<i>Euphorbia ingens</i> *	Candelabro	Euphorbiaceae	Exótica
<i>Euphorbia splendens</i>	Coroa-de-cristo	Euphorbiaceae	Exótica
<i>Ficus benjamina</i> *	Ficus-beijamina	Moraceae	Exótica
<i>Filicium decipiens</i> *	Felício	Sapindaceae	Exótica

<i>Tabebuia caraiba</i> *	Craibeira	Bignoniaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
<i>Lagerstroemia flos-reginae</i>	Rosedá	Lythraceae	Exótica
<i>Licania tomentosa</i>	Oiti	Chrysobalanaceae	Mata Atlântica
<i>Mangifera indica</i> *	Mangueira	Anacardiaceae	Exótica
<i>Opuntia palmadora</i> *	Palma	Cactaceae	Caatinga
<i>Pachira aquatica</i> *	Carolina	Malvaceae	Amazônia
<i>Pandanus utilis</i> *	Pandanus	Pandanaceae	Exótica
<i>Paspalum notatum</i>	Grama	Poaceae	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
<i>Philodendron bipinnatifidum</i>	Guaimbê	Araceae	Cerrado, Mata Atlântica
<i>Pithecellobium dulce</i> *	Acácia-mimosa	Fabaceae	Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica
<i>Plumeria alba</i>	Pluméria	Apocynaceae	Exótica
<i>Polyscias guilfoylei</i>	Árvore-da-felicidade	Araliaceae	Exótica
<i>Pritchardia pacifica</i> *	Palmeira-leque-de-finji	Arecaceae	Exótica
<i>Pseudobombax ellipticum</i>	Paineira	Malvaceae	Mata Atlântica
<i>Ptychosperma macarthurii</i> *	Palmeira-de-macarthur	Arecaceae	Exótica
<i>Roystonea oleracea</i> *	Palmeira-imperial	Arecaceae	Exótica
<i>Schinus terebinthifolius</i> *	Aroeira	Anacardiaceae	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
<i>Setcreasea purpurea</i>	Trapoeraba	Commelinaceae	Exótica
<i>Spathodea campanulata</i> *	Espatódea	Bignoniaceae	Cerrado, Mata Atlântica
<i>Spondias mombin</i> *	Cajazeiro	Anacardiaceae	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica
<i>Syzygium malaccense</i> *	Jambeiro	Myrtaceae	Exótica
<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
<i>Thespesia populnea</i> *	Algodão-da-praia	Malvaceae	Exótica
<i>Wedelia paludosa</i>	Arnica-do-mato	Asteraceae	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
<i>Yucca aloifolia</i>	Iuca-brava	Asparagaceae	Exótica

(\*) Espécies não indicada por Burle Marx no projeto original

## Considerações finais

À medida que se amplia o levantamento dos elementos do jardim para compor o inventário torna-se possível avaliar a complexidade da conservação de um jardim histórico, por sua efemeridade. O jardim moderno não só representa paisagens a partir de sua paleta vegetal e de sua história, como também identifica paisagens, a exemplo do conjunto da Sudene, pois é um marco do bairro Engenho do Meio e referência no Recife para orientar visitantes que se dirigem ao campus universitário da UFPE.

Por articular arquitetura e Natureza, o conjunto da Sudene está formado de elementos construídos e naturais como, por exemplo, a vegetação, as superfícies d'água e os passeios, formando uma unidade estruturadora em uma área de aproximadamente 7,6 ha que corresponde à área do Parque da Jaqueira, um dos espaços livres públicos mais populares da cidade do Recife. Nesse sentido, o artigo alerta para a necessidade de pessoas qualificadas para exercerem a função adequada na manutenção do jardim conhecendo os diferentes tipos de vegetação do projeto original do paisagista Roberto Burle Marx para conservá-los como atributos de um bem patrimonial.

O inventário não é um trabalho para ser arquivado. É um conjunto de informações que devem ser utilizadas na prática da manutenção do jardim não só pelo responsável técnico como pelos jardineiros. A diversidade das espécies, conforme mostrou a lista de vegetação do projeto original, precisa ser apreendida para o projeto de restauração trazendo de volta os atributos botânicos, ecológicos, artísticos, arquitetônicos e históricos que são indispensáveis para o reconhecimento e conservação da autenticidade e integridade do conjunto arquitetônico moderno como futuro bem patrimonial. Essa iniciativa poderá estimular uma ação conjunta de conservação dos jardins de Burle Marx que estão situados em edifícios institucionais.

## Referências

ALCÁNTARA ONOFRE, S. **Conservación de paisajes y jardines históricos en México**. Tesis doctoral. México: Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco. 2001.

CABRERA, A. **El inventario de jardines de interés patrimonial de Andalucía: modelos y propuesta de una base de datos**. *Revista PH*, 27(0/0): 66-178. 1999.

CANTALICE, A. **Um Brutalismo Suave: Traços da Arquitetura em Pernambuco (1965-1980)**. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2009.

CURY, I. **Cartas patrimoniais** (Carta de Atenas, 1931). Rio de Janeiro: IPHAN. 2000.

CURY, I. **Cartas patrimoniais** (Carta de Florença, 1981). Rio de Janeiro: IPHAN. 2000.

CORREIO DA MANHÃ. **Burle Marx e a renovação do jardim**. Recife, 18 de jul. de 1962, p. 2. 1935.

DE MORAIS, M. O. B e NASLAVSKY, G. **Pernambuco Pós-1964: A Atuação de Geraldo Santana nos Campos da Arquitetura e do Urbanismo**. Anais do XI DOCOMOMO-Brasil, 1-12. 2016.

DE OLIVEIRA, A. F. **A consolidação do Moderno: análise da Obra do Arquiteto Maurício Castro**. Anais do 2º Seminário DOCOMOMO N-NE, p. 1-15. 2008.

DIARIO DA MANHÃ. **O jardim da Casa Forte**. Recife, 22 de maio de 1935, p. 12. 1935.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **SUDENE pesquisa transporte coletivo do “Grande Recife”**: Lucena visita sede da SUDENE”. Recife, 03 de mar. De 1972, p. 8. 1972.

\_\_\_\_\_. **Presidente, inaugura sede da Sudene às 17 horas**. Recife, 28 jan. de 1974, p.3. 1974.

\_\_\_\_\_. **Construtora Jofra está feliz pela nova sede**. Recife, 28 jan. de 1974, p.13. 1974.

ESTADÃO, L. **Políticas de inventário de jardins históricos em Portugal**. Anais do Congresso 30 anos da APAP, p. 1-12. 2006.

MARX, R.B. ROSEMBERG, A.; TEJO, C.; AMORIM, L. e AMORIM, M. A. **Pernambuco 5 Anos de Arte**. Pernambuco, p. 78-79. 2003.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MEDEIROS, H. M. P.; COSTA, E. C. da. **O Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife**. *Paisagem Ambiente: ensaios*, 24(0/0): 171-178. 2007.

SÁ CARNEIRO, A. R. **Inventário de jardins históricos**. In TINEM, N. e AMORIM, L. (org.). *Morte e vida severinas: das ressurreições e conservações (im) possíveis do patrimônio moderno no Nordeste e Norte do Brasil* (pp. 128-147). João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/PB. 2012.

SÁ CARNEIRO, A.R.; SILVA, J.M.; CASTEL-BRANCO, C. **Burle Marx no Recife: restauro do jardim do aeroporto dos Guararapes como bem patrimonial**. *Paisagem e Ambiente*, 37(0/0): 53-71. 2016.

SILVA, J.M. **Arqueologia botânica dos jardins de Burle Marx**: a Praça de Casa Forte e a Praça Euclides da Cunha Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2012.

#### Comunicados oficiais

International Federation of Landscape Architects (IFLA). (Org.). 1967. *Proces-verbal de la reunion de l'assemblee generale de L'IFLA*. Madrid: IFLA.

International Federation of Landscape Architects (IFLA). (Org.). 1969. *Proces-verbal de la reunion du Bureau de l'IFLA*. Bruxelas: IFLA.

Recebido em: 20/03/2018

Aceito em: 10/05/2018